

Recado ao Senhor Governador

9-2.66

Rubem Braga

RECONHEÇO, senhor governador, que eu deveria me dirigir ao administrador regional de Ipanema; mas não sei quem é, se é que há um. O assunto é de bairro; nem isso, é de rua; e menos, é de uma só quadra, onde mora um triste amigo meu: aquela da Barão da Torre que fica entre a rua dos Jangadeiros e a Teixeira Melo. Esta última esquina é o lugar onde o bonde General Osório fazia a volta; lugar tão mal freqüentado à noite que o motoneiro mais timorato ligava o bonde a um ponto e deixava que ele entrasse na Teixeira Melo, atravessasse a Barão da Torre e fizesse a volta sózinho, para se livrar de um possível assalto.

Hoje não há mais bondes; o morro continua, mais desbarrancado, pois muitos casebres desceram a encosta nas grandes chuvas de janeiro; e uma parte do próprio morro desceu também, atravessando a rua e arrebatando os portões de um depósito de cerveja, do outro lado. Seria melhor que arrebatasse o depósito inteiro, sem fazer vítimas; pois esse depósito se explicava quando este trecho de rua era um recanto tranqüilo, e dois ou tres caminhões faziam o serviço. Hoje, a rua estreitinha está sempre ocupada por caminhões a entrar e sair, e para cada uma dessas operações ele se atravessa na rua e na calçada. A Barão da Torre está cheia de edificios agora, e o barulho das caixas de cerveja jogadas para dentro e para fora dos caminhões é um horror. O serviço não é mecanizado, não há uma esteira para levar os caixotes, e o tilintar dos vidros, o ruído das caixas e o ronco dos motores entra pela noite e irrompe pela madrugada.

Ora, o tal depósito ocupa um terreno tão grande e tão valorizado, perto da praça General Osório, que não sei como seu dono não o vende para instalar um depósito maior, mais decente, mecanizado e amplo, com acesso fácil, em algum lugar mais distante, onde o metro quadrado seja mais barato. Se não o faz, convém que o govêrno o convença a fazê-lo dentro de um prazo razoável, mas certo. Onde está é que o depósito não pode ficar, pois não há hora do dia ou da noite em que não haja cinco ou seis caminhões a atravancar a rua.

Além desse depósito há uma oficina de consertos de automóveis que funciona mais na calçada e às vezes na rua; assim há várias na Barão da Torre. E, quando chove, há a lama, nem sempre retirada com a estimável pressa, como acontece agora; não o convido a ir ver, porque está feio e não quero entristecê-lo, senhor governador.

Fora disso, o que falta, e muito, é policiamento, pois com a proximidade do morro, que tem várias saídas, os assaltantes ocasionais fogem com facilidade, como já vi. Alguns policiais; um engenheiro para interditar os barracos da encosta, que podem cair a qualquer momento (houve mortos ao lado de Saint Roman); uma intimação para mudança do depósito de cerveja e das oficinas mecânicas que funcionam nas calçadas; um pouco mais de atenção para a pequena quadra de rua, e o meu amigo será feliz, senhor governador.

Sei que isso não resolve os grandes problemas da cidade; mas a cidade é feita de ruas e as ruas de quadras; não é feio que eu chame sua atenção para uma delas. Entre uma esquina e outra cabem muitos problemas, e quem os provê e prevê cuida que já faz um bom começo de govêrno do mundo que, por maior que seja, não é mais que uma série de esquinas — de ruas, continentes e planêtas, que sei eu. Obrigado, senhor governador.